

## A R E S S U R R E I Ç Ã O

Na homilia (que quer dizer conversa) daquele domingo de Páscoa, Zé Damas, homem simples e humilde, tomou a palavra e disse: “Eles pensaram: ‘a gente mata esse Jesus e põe uma pedra em cima disso tudo. Só que a pedra não ficou em cima, não!’”. A ressurreição de Jesus depende de nós também para continuar sendo verdade atuante.

A ressurreição que se manifesta em Jesus não é a mesma coisa que revivescência de um morto, resultado do emprego de algum aparelho ou de massagem no coração e no pulmão. Não é também a mesma coisa que a imortalidade da alma, tese da filosofia grega. Ressuscitados, segundo Paulo (1Cor 15,44), seremos “corpo espiritual”, nem alma sem corpo nem simples corpo reanimado.

### No Primeiro Testamento

Os mortos ficavam no *sheol* em hebraico, *ades* em grego, nos “infernos” na antiga, “mansão dos mortos” na versão atual do nosso Credo. Eram sombras num lugar de sombras, água e barro debaixo da terra, imaginada como mesa rodeada de água, os mares.

Deus, o senhor da vida, pode tirar alguém do *sheol*. Isso é dito muitas vezes, especialmente nos Salmos, mas de maneira figurada, para significar a cura de doença que parecia mortal. Outras vezes, como no episódio dos ossos ressecados de Ezequiel, pode significar a possibilidade e a esperança de restauração do povo.

Só no período macabeu, cerca de 160 anos antes da era cristã, surge a idéia de uma retribuição individual e ressurreição individual. As dificuldades na luta, a forte resistência e o martírio fizeram pensar em vida plena e recompensa após a morte. Assim é que o livro de Daniel, dessa época, fala numa ressurreição geral para a vida/recompensa ou para a morte/condenação.

### No Segundo Testamento

Os fariseus, herdeiros dos *hassidim* ou ‘Devotos’ do tempo dos macabeus, defendiam ardorosamente a idéia da ressurreição, enquanto que os saduceus, formados basicamente pelos sumos sacerdotes e pelos ‘anciãos’, grandes proprietários da Palestina que faziam parte do Sinédrio, rechaçavam a idéia da ressurreição e da recompensa ou castigo após a morte.

Jesus defendeu a ressurreição e, questionado pelos saduceus, explicou que os ressuscitados não se casam, pois são “como os anjos de Deus”. Ele fala da própria ressurreição, pois, sem ela, não teria sentido encarar a morte de cruz, mas, segundo os Evangelhos, os discípulos sentem dificuldade em entender esse caminho.

Os relatos de ressurreição nos Evangelhos (menina de doze anos, filho da viúva de Naim, Lázaro) antecipam a ressurreição de Jesus e mostram o que significa o reino de Deus, reino da vida, que ele anunciou e que cabe aos discípulos realizar plenamente. Baste lembrar Lázaro. Jesus o chama para fora do túmulo e o Evangelho continua (Jo 11,44): “O morto saiu de mãos e pés atados, com um pano a cobrir-lhe o rosto. Jesus disse aos que estavam com ele: ‘Desatai-o e deixai-o andar’”. Cabe aos discípulos ressuscitar, dar liberdade, desatar e deixar andar.

A pregação inicial se resume na palavra de Pedro dirigida às autoridades: “Este Jesus que vós crucificastes Deus ressuscitou e fez dele o Senhor!”. Na ressurreição Deus aprova a mensagem e o caminho de Jesus.

No Apocalipse Jesus se apresenta (1,18) como “aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo por todo o sempre. Tenho a chave da morte e da morada dos mortos”. Pouco depois ele é o “Cordeiro imolado e de pé” que desenrola o livro da história. No fim (20,6), os que participam da primeira ressurreição reinarão com Cristo no Paraíso, a segunda morte não tem poder sobre eles. A segunda morte é o lago de

fogo (20,14). Os que têm seus nomes inscritos no livro da vida serão os cidadãos da Jerusalém que desce do céu para a terra.

*José Luiz Gonzaga do Prado*